

1. O enxerto, as raízes e a linfa vital

Talvez vocês se lembrem que concluímos o Curso de Formação Monástica do ano passado, refletindo sobre a relação entre anciãos e jovens, também em preparação ao Sínodo dos Bispos que se reuniu em outubro sobre o tema: "Jovens, fé e discernimento vocacional".

Depois, um encontro com uma assembleia de Superiores Beneditinas, obrigou-me a aprofundar o tema: "Transmitir e permanecer para viver juntos". Pouco depois, o Capítulo da Congregação de Castela reuniu-se para aprofundar o tema da relação entre anciãos e jovens em nossas comunidades monásticas. Neste meio tempo, iniciou o ano, em que toda a Família Cisterciense comemora o 900º aniversário da aprovação do Papa Calisto II da *Carta Caritatis*, o documento no qual nossos primeiros Pais Cistercienses, guiados por Santo Estêvão Harding, delinearam os aspectos básicos que permitiram que o primeiro grupo de abadias nascidas de Cister se tornasse a primeira Ordem monástica da Igreja, organizada como comunidade de comunidades autônomas, com instrumentos de encontro, formação, correção, enfim de comunhão, que, se bem observados, são, ainda hoje, o segredo da vitalidade e fecundidade de todas as Ordens religiosas, no viver seu próprio carisma.

Tudo isto, creio, nos estimula a aprofundar o tema da *transmissão*, de como se transmite um carisma, uma vocação e uma missão, e a tentar ajudar a entendê-lo como entendeu São Bento, e as demais famílias carismáticas que nasceram de seu carisma. Isto não para fazer "arqueologia monástica", mas para reencontrar em nossas raízes a linfa que pode reanimar hoje a nossa vocação cristã e monástica.

Quando os jovens entram em crise de vocação – e isto acontece muitas vezes, mas não apenas com os jovens –, percebo cada vez mais que o problema é que a vocação deles não pôde ser enxertada em uma transmissão do carisma, que das raízes vai até às folhas e aos frutos da árvore. É como se não tivessem tido a oportunidade de verdadeiramente "enxertar-se" na árvore da Igreja, da sua Ordem e comunidade, de modo a tornarem-se ramos aos quais as raízes da planta transmitem a força vital que passa através do tronco, através dos ramos mais antigos e maiores, para chegar até eles, e permitir que eles também se tornem ramos vivos e fecundos que transmitem a linfa carismática a quem virá depois, a quem o Senhor também enxertará sobre eles.

O enxerto é uma prática muito interessante de fruticultura, porque um galho enxertado, uma vez que começa a viver na e da planta na qual foi enxertado, em certo momento muda sua natureza, vive de raízes diferentes da planta do qual foi cortado. Mas, ao mesmo tempo, o enxerto também muda a natureza da antiga planta que o recebe. Por exemplo, a antiga planta se torna mais fecunda, melhora a qualidade de seus frutos, graças ao enxerto. Sem enxertia, uma antiga planta tende a produzir cada vez mais frutos silvestres, sempre menores e com menos sabor.

Portanto, não devemos pensar apenas no bem que uma Ordem antiga ou uma comunidade antiga, ou a Igreja que tem quase 2000 anos, podem fazer aos jovens que a vocação enxerta neles, mas também a nova vitalidade, a nova fecundidade, que todos os enxertos trazem às plantas antigas, permitindo assim que suas raízes não absorvam em vão a água e as substâncias que transmitem para a árvore.

Sem novos enxertos e sem capacidade renovada de transmissão da linfa vital, torna-se inútil ter raízes antigas e profundas. É evidente que a Igreja tem raízes profundas, que transmite uma tradição antiquíssima e nobríssima, assim como nossas Ordens e comunidades. Mas se hoje não há transmissão desta preciosa e profunda linfa vital, se hoje não há novos e bons enxertos na árvore venerável e venerada da Igreja e de cada família carismática, até as raízes mais profundas se tornam estéreis, inúteis. Permanecem vivos, permanecem jovens, permanecem fiéis a seu dever, mas permanecem estéreis devido à infidelidade da árvore em transmitir até o último galhinho a linfa vital que produzem.

Mesmo tudo o que podemos fazer ou organizar para a formação, como este Curso, seria estéril, inútil, se não transmitisse, se não fosse um instrumento de transmissão da linfa vital de nossas raízes.

O Concílio Vaticano II focou basicamente nisto a renovação de toda a Igreja, e a renovação, em particular, da vida consagrada. Pediu para voltar as raízes, para atualizar a vida da Igreja hoje. No fundo, todas as infidelidades ao Concílio, ou melhor, ao Espírito que o animou, vieram de uma má compreensão da transmissão que o Concílio queria promover. Uma transmissão é ruim se não parte das raízes, ou seja, de uma tradição verdadeiramente original e viva, contudo uma transmissão também é ruim se não for até os ramos mais novos e periféricos da árvore, e portanto se a referência à tradição não se torna missão, evangelização, até os confins do humano e da humanidade.

Digo isto, e vou aprofundar em seguida, sobretudo porque cada um de nós, estudantes e professores, nos colocamos desde o início deste Curso uma questão crucial: Vivemos nossa vocação dentro de uma transmissão boa e viva, que vai das raízes mais antigas e profundas até aos frutos que somos chamados a dar hoje?

Convido vocês a examinarem como vivem a vocação, sobretudo a vocação cristã, e depois em todas as próprias maneiras em que somos chamados a seguir a Cristo. Vivemos alimentando-nos das raízes? A formação que recebemos ontem e recebemos hoje, é uma transmissão da linfa vital? É vital também em quem nos forma ou deveria nos formar? Somos formados por pessoas cujo carisma está vivo, é uma vida, é uma alma ou por pessoas que transmitem apenas noções teóricas ou práticas que sejam?

E se somos nós os formadores, somos assim? Somos transmissores de linfa vital, que das raízes vai até os frutos que o Espírito quer produzir hoje em nosso povo, em nossas comunidades, em nossas Ordens, na Igreja?

Aprofundarei todos estes temas, mas gostaria que o ponto de partida deste Curso fosse um exame de cada um sobre a própria vida e experiência. Não importa se o resultado deste exame será, talvez, desastroso, isto é, se percebemos que vivemos até agora, a fé e a vocação sem uma transmissão verdadeira, enraizada e fecunda. Já é um grande progresso perceber que faltamos em alguma coisa, sobretudo se faltamos no essencial. Porque é daqui que uma pessoa pode recomeçar, mais humilde e aberta, e o Espírito Santo, quando encontra uma consciência clara e humilde, sabe recuperar em um dia o que faltou por mil anos (cf. Sl 89,4; 2 Pd 3,8).